

Por um Jornal da Maré: *diga que nome você quer!*

Participe
e concorra a
um computador

Pág. 3

Bairro Maré / Rio de Janeiro - Ano 1 | nº 1 - Dezembro de 2009

DA MARÉ PARA A MARÉ

Moradores do bairro podem contar com novo jornal comunitário gratuito

Novo jornal pretende ocupar o espaço deixado pela mídia tradicional que, em geral, fala da Maré e de outras favelas apenas de forma negativa. Segundo pesquisa "Por um Jornal da Maré: diga como você quer!", realizada pela Redes de Desenvolvimento da Maré, a maior parte dos moradores já tem o hábito de se informar, mas sente falta de notícias positivas, como projetos sociais, cursos e esportes oferecidos gratuitamente. Os moradores desejam também acompanhar questões do cotidiano local, como problemas de saneamento que muitas vezes provocam alagamentos e lama nas ruas. O novo jornal vem ao mundo com o desafio de atender a esse desejo dos moradores. Um jornal feito na Maré, por pessoas comprometidas com a Maré, mas que trará ainda informações sobre o que acontece em outros espaços populares, um anseio dos moradores, segundo a pesquisa. **Pág. 6**



O que é favela?

Moradores do Morro do Alemão falam sobre a vida na favela e criticam o preconceito ainda existente a respeito desses espaços. "A favela tem que ser entendida como parte da cidade", diz Alan Brum, coordenador do Raízes em Movimento. **Pág. 5**

Atletas da Maré otimistas com as Olimpíadas 2016

Os Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio, deixou a desejar em termos de retorno social para a cidade, mas a experiência negativa de dois anos atrás não esfria os ânimos para as Olimpíadas de 2016. Dois atletas da Maré – a lutadora de caratê Priscila Xavier da Silva, de 15 anos, e o nadador Vinícius Pereira de Souza, de 14 – estão otimistas com a realização do evento e com a expectativa de mais investimentos em esportes. "É uma chance de mostrar o talento que temos", afirma Vinícius. Já o coordenador do Ibase, Itamar Silva, lembra que a Agenda Social criada por Betinho em 1996 continua em aberto. **Pág. 9**

Elisângela Leite

Funk ainda em busca de reconhecimento

Foi preciso que uma lei definisse o funk como movimento cultural, mas isso ainda não foi o bastante. O detonauta Tico Santa Cruz defende o funk como expressão cultural contemporânea, enquanto o MC Leonardo (ao centro, na foto abaixo) revela sua luta contra a repressão e o preconceito. Veja o que pensa o morador da Maré. **Pág. 11**

Rosilene Miliotti



A resistência dos pescadores do Parque União

Ensaio fotográfico revela o cotidiano dos pescadores do Parque União. **Pág. 12**



Expediente

Instituição Proponente
Redes de
Desenvolvimento da Maré

Diretoria

Eblin Farage
Edson Diniz
Eliana Sousa
Fernanda Gomes

**Coordenadora do
Setor de Comunicação**
Viviane Couto

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio

Ação Comunitária do Brasil

Biblioteca Comunitária
Nélida Piñon

Centro de Referência
de Mulheres da Maré -
Carminha Rosa

Lona Cultural da
Praia de Ramos

Luta pela Paz

União Esportiva
Vila Olímpica da Maré

**Editora executiva e
jornalista responsável**

Silvia Noronha
(Mtb – 14.786/RJ)

Repórteres e redatores

Hélio Euclides
(Mtb – 29919/RJ)

Rosilene Miliotti
(Estagiária)

Rosilene Ricardo
(Estagiária)

Viviane Couto
(Repórter Comunitária)

Fotógrafa

Elisângela Leite

Revisora

Silvia Noronha

**Projeto Gráfico e
diagramação**

Anna Iannini

Assistente gráfico

Felipe Reis

Articuladora geral

Shyrlei Rosendo

Colaboradores

Anabela Paiva,
Aydano André Mota,
Elisângela Leite,
Flávia Oliveira,
Marianna Araujo e
Vitor de Castro

Impressão

News Technology Gráfica
Editora Ltda

Tiragem

30.000

Redes de

Desenvolvimento da Maré

Rua Sargento Silva Nunes,
1012, Nova Holanda / Maré
Informações: (21) 3104.3276
www.redesdamare.org.br
redesdamare@redesdamare.org.br

Parceiros

**Editorial****Nasce um jornal de mão dupla**

O lançamento deste jornal é a concretização de um desejo compartilhado por muitas pessoas: o de aumentar o fluxo de informações de qualidade entre os moradores da Maré. Entendemos que a favela é cidade. Sendo assim, buscaremos sempre, em nossas matérias, fazer links com outros territórios, garantindo a ampliação do debate e inserindo as questões tratadas no conjunto da cidade.

O novo jornal nasce, portanto, com o desafio de se tornar um instrumento de comunicação de mão dupla – ou seja, que dialogue com o público e tenha a participação do leitor.

E é por isso que ele já nasce a partir da ideia de se criar uma rede, composta por várias instituições da Maré interessadas na melhoria da qualidade de vida no bairro. O pontapé inicial foi dado a partir da parceria com o Observatório de Favelas e a articulação com outras seis instituições da Maré (Ação Comunitária do Brasil, Biblioteca Comunitária Nélida Piñon, Centro de Referência de Mulheres da Maré- Carminha Rosa, Lona Cultural da Praia de Ramos, Luta pela Paz e União Esportiva Vila Olímpica da Maré).

Mas fomos além. Fizemos uma pesquisa de opinião para saber quais os anseios e preferências dos moradores da Maré no campo da comunicação e da informação. Uma pequena amostra do resultado da pesquisa pode ser lida na reportagem das páginas 6 e 7.

Já na tentativa de entrar em sintonia com os desejos apontados, a primeira edição vem ao mundo sem nome. Na página 3, ao lado, você poderá saber como participar da escolha do nome de seu novo veículo de comunicação. E nas páginas seguintes poderá ler reportagens sobre funk, favela, educação na Maré, entre outros temas.

Muitos outros temas virão a cada edição mensal do jornal. Participe desta rede! Envie sugestões sobre os assuntos que gostaria de ler no jornal. Participe também do Espaço Aberto da página 12.

Para vencer o desafio, o novo jornal não pode ser apenas de algumas instituições ou de um grupo restrito de pessoas. O novo jornal precisa ser, de fato, dos moradores da Maré!

Os Editores

**DESDOBRAMENTOS DO CONSEG**

Pensando em dar consequência ao trabalho iniciado na Conferência Livre de Segurança Pública na Maré e deliberado na Conferência Nacional de Segurança Pública, a Redes de Desenvolvimento da Maré, com apoio das associações de moradores e diversas instituições, organizará o encontro “Maré Discute Desdobramentos da Conferência Nacional de Segurança Pública (Conseg)”. Haverá uma reflexão sobre como criar na Maré um mecanismo capaz de acompanhar o desenvolvimento das discussões e das ações propostas. Dia 23 de janeiro, no Centro de Artes da Maré, Rua Bittencourt Sampaio, 181, Nova Holanda – Maré.

DEFENSORIA PÚBLICA NA FAVELA

A defensoria pública de Minas Gerais é a primeira do país a se instalar dentro de uma favela. Os 35 mil habitantes do Morro do Papagaio, em Santa Lúcia, Região Metropolitana de Belo Horizonte serão atendidos. O objetivo é prestar assistência jurídica, integral e gratuita às comunidades da favela, fazendo valer a Constituição Federal de 1988, que diz: “O Estado prestará assistência jurídica integral e gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos”. Um claro avanço dentro dos espaços onde os direitos são mais desrespeitados, as favelas. A defensoria está selecionando profissionais da própria comunidade para o atendimento.

FAVELA EM FOCO

Uma iniciativa promissora está surgindo em espaços populares do Brasil: os coletivos – grupos de pessoas, geralmente independentes, que se unem com um objetivo em comum. Um exemplo próximo é o Favela em Foco, dedicado à produção documental multimídia, mas centrada na fotografia, em favelas do Rio de Janeiro. Seu objetivo é levar informação à sociedade, mas não apenas para espaços populares, na tentativa de acabar com os estereótipos sobre a favela, a partir de uma concepção fotográfica crítica, solidária e socialmente comprometida com os direitos humanos e com uma sociedade mais justa. Esse coletivo é formado por fotógrafos da Agência Imagens do Povo e alunos da Escola de Fotógrafos Populares. O grupo já realizou um vídeo sobre a possível construção de um muro no entorno das Linhas Vermelha e Amarela. Conheça o trabalho e interaja: <http://favelaemfoco.wordpress.com/>

Como melhorar o desempenho escolar

Alunos de turmas até o 5º ano apresentam resultado um pouco melhor do que os de 6º ao 9º ano

Elisângela Leite



Profissionais de Educação lotam o auditório do seminário que discutiu como melhorar o desempenho escolar na Maré

Silvia Noronha

O desempenho dos alunos das 16 escolas públicas municipais da Maré tem sido abaixo do desejável, segundo resultado das provas de revisão aplicadas pela Secretaria de Educação da Prefeitura. As provas começaram a ser aplicadas este ano, no encerramento de cada bimestre, contendo questões de português e matemática. No terceiro bimestre, os estudantes da Maré tiveram melhor desempenho, atingindo o resultado desejável no Período Intermediário, no Final de Ciclo e no 5º ano. Já no segundo segmento escolar, que vai do 6º ao 9º ano, as turmas tiveram resultados insatisfatórios. Do segundo para terceiro bimestre somente melhoraram os estudantes de escolas que fizeram parcerias ou encontraram alternativas externas para driblar os desafios.

Para melhorar a realidade atual, a moradora da Maré, Adriana Bezerra do Nascimento Pinheiro, mãe de dois alunos, de 9 e 12 anos de idade, considera fundamental a participação dos pais. “A educação é uma parceria entre pais e alunos. A família tem que incentivar e mostrar aos filhos o sentido da educação na escola”, afirma. Além disso, o governo tem que fazer a sua parte, acrescenta ela. “A Prefeitura acha que tecnologia é a solução; então compra para a escola aparelhos de DVD, datashow etc., mas os problemas simples não são resolvidos, como o conserto do ventilador da sala de aula.”

Na opinião dos professores das 16 escolas da Maré que lotaram o auditório do Centro de Ciências da Saúde, na Ilha do Fundão, em 7 de novembro, os principais problemas são: falta de apoio dos pais, situações de violência no bairro, quantidade de

alunos por turma e falta de profissionais de apoio, como psicólogos, assistentes sociais e fonoaudiólogos. Estes foram os pontos mais citados durante o I Seminário de Educação da Maré: Refletindo sobre o Ensino Fundamental, promovido pela Redes da Maré, com o apoio de escolas públicas do bairro, a IV Coordenadoria Regional de Ensino e a Secretaria Municipal de Educação.

O diretor da Escola Municipal Bahia, Kasey Goto, aponta a falta de pessoal de apoio como maior entrave ao desempenho dos alunos. Segundo ele, faltam inspetores, porteiros e coordenadores pedagógicos, hoje em número insuficiente, e também profissionais da área da saúde, como psicólogos. “As crianças e adolescentes não apresentam problema pedagógico. Muitas vezes eles possuem um problema clínico, ou então ligado à família e à sociedade, uma violência que tenham presenciado ou vivido”, analisa.

Para as alunas Grace Keli e Thyanne Tropiano, respectivamente presidente e vice-presidente do grêmio estudantil da Escola Municipal Bahia, o principal problema é a falta de interesse do aluno. Grace sugere a divulgação de vídeos ou a realização de palestras na escola com pessoas da comunidade que tenham melhorado sua qualidade de vida após a conclusão dos estudos. “Essas pessoas mostrariam aos alunos que o ensino pode fazer diferença.”

A Secretaria Municipal de Educação acredita no programa Escolas do Amanhã, implantado em agosto passado com o objetivo de combater a evasão, ainda alta em bairros como a Maré. As crianças participam de oficinas de artes e esportes e recebem aulas de reforço escolar e realfabetização. “Sabemos que os resultados em educação só acontecem a médio prazo, mas já percebemos que o desempenho dessas escolas vem melhorando”, afirma a secretária Claudia Costin.

Já a diretora da Redes da Maré, Eliana Sousa Silva, aponta pelo menos quatro caminhos a serem seguidos simultaneamente. Primeiro, a Secretaria Municipal de Educação tem que cumprir seu papel de oferecer as condições materiais, humanas, políticas e pedagógicas. Segundo, os professores e demais profissionais de ensino devem definir um projeto político-pedagógico, pensado a partir das demandas reais. Terceiro, os pais precisam se inserir nesta busca por melhorias do ensino público. E em quarto, as organizações não-governamentais envolvidas devem identificar quais projetos podem de fato contribuir para este processo político-pedagógico.

Entenda as Provas de Revisão

- Os alunos de toda a rede municipal de ensino fazem uma Prova de Revisão a cada bimestre;
- É uma prova extra aplicada pela Prefeitura para medir o desempenho escolar, ou seja, é um questionário diferente das provas regulares realizadas em cada escola diretamente pelo professor;
- No primeiro bimestre, os alunos do Período Intermediário do Ciclo não fizeram a prova de revisão da Prefeitura, porque foram submetidos à Provinha Brasil, aplicada pelo Ministério da Educação, com 24 questões de leitura.

“É favela”

Iniciativa no Morro do Alemão integra a favela com a cidade através da cultura



O evento “Circulando : Diálogo e Comunicação na Favela” tem capoeira...

Texto e Fotos: Rosilene Milliotti

O que é favela?

De acordo com o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, favela é um aglomerado de casebres, lugar de má fama, frequentado por desordeiros; e ainda uma planta originária das caatingas baianas.

Muito da produção cultural carioca, quiçá brasileira, é oriunda de morros e favelas, onde os moradores travam uma luta permanente pela melhoria de suas condições de vida, o que inclui o respeito às características específicas desses espaços. A cidade é plural e nela está contida a diversidade que se tornou a ‘cara’ do Rio de Janeiro.

Nesta edição, para saber o que os moradores pensam sobre favela, fomos até o Morro do Alemão, onde conhecemos o Grupo Sócio Cultural Raízes em Movimento que, junto com outros parceiros, promove o evento “Circulando: Diálogo e Comunicação na Favela”. A iniciativa visa dar visibilidade às ações e potencialidades existentes no Alemão, e relacioná-las com as pessoas que desenvolvem cultura no Rio. Dessa maneira, a favela poderá ser entendida como parte da cidade. “A sociedade acaba se apropriando da produção cultural da favela. Hoje vemos que o hip hop e o funk estão saindo das periferias, dando conta de levar diversão e cultura a outros territórios espalhados pela cidade. Portanto, essa produção deve ser respeitada e aceita pela sociedade”, explica Alan Brum, coordenador do Raízes em Movimento.

Segundo o fotógrafo e professor de fotografia do Raízes em Movimento, Sadraque Santos, o Circulando projeta o Complexo do Alemão para outros espaços da cidade, revertendo estereótipos. “A sociedade despreza quem mora em favela. Para algumas pessoas, a favela é uma coisa e a cidade do Rio de Janeiro é outra. O cara que nasce em Copacabana é carioca. Por que o cara que nasce no Complexo do Alemão é favelado? Eu já dei

aula para jovens que têm medo de sair de dentro da favela, não por dever algo, mas por medo de encarar a sociedade”, conta.

Lazer para os moradores

A moradora Rogéria Pereira de Souza, 42 anos, diz que para a mídia favela é uma coisa, e para ela é outra. “A gente aprende a se acostumar com a rotina da favela. Nem tudo aqui é ruim como dizem. A convivência com as pessoas, as amizades são completamente diferentes lá de baixo (fora da favela). Aqui a gente dá um grito e aparece alguém para ver o que está acontecendo. Lá é diferente, a pessoa morre dentro de um apartamento e só vão ver depois que o cheiro começa a incomodar”, relata Rogéria.

O também morador do Morro do Alemão, Rubens Quaresma, 52 anos, apoia o Circulando, justamente por considerá-lo positivo para a comunidade. “A criançada fica por aí só com pensamentos negativos. Quando tem um evento desse tipo tem que aproveitar. Isso traz um pouco de lazer para os moradores”, afirma ele, que cede sua laje para as oficinas de pinhole, fotografia feita com materiais artesanais, que acontecem durante o evento. Já para Luiz Carlos, o Luiz Poeta, coordenador do grupo Jovem Ecologia do Verdejar, o Circulando é uma ferramenta importante para levar diversidade cultural para a favela.



... e música, entre outras atividades, no Morro do Alemão

Favela é ...

... o reflexo da sociedade real,
Alan Brum, coordenador do Raízes em Movimento.

... esquecida,
Rogéria Pereira de Souza, 42 anos,
moradora do Morro do Alemão.

... um lugar lindo, cheio de cultura e gente inteligente,
Thiago Gomes, ou Tosh, 27 anos,
morador do Morro do Alemão.

... um bairro igual a qualquer um,
Rubens Quaresma Brum, 52 anos,
morador do Morro do Alemão.

... necessitada de qualidade de vida,
Luiz Carlos, o Luiz poeta,
coordenador do grupo Jovem Ecologia do Verdejar.

... um sonho em construção,
Sadraque Santos, morador do Morro do Alemão, fotógrafo e
professor de fotografia do Raízes em Movimento.

“... a infância que tive não posso esquecer, quanto tempo importante passei por aqui, aqui...”
Clara Nunes / música É Favela.



Imagem aérea da Maré, onde os moradores desejam ler notícias boas sobre o bairro

DA MARÉ PARA A MARÉ

Pesquisa revela interesse da comunidade por notícias positivas e sobre as necessidades da Maré

Silvia Noronha

Os moradores da Maré possuem o hábito de ler e de se informar. Pesquisa de opinião realizada pela Redes da Maré, em 2009, revelou que a maioria dos que vivem no bairro busca saber o que está acontecendo dentro e fora da comunidade. Os veículos de comunicação preferidos são a TV, o rádio, a internet e os jornais diários. Mas a pesquisa mostrou também que a maior parte das pessoas está insatisfeita com o que lê e vê sobre a Maré e sobre as demais favelas da cidade. Assim, quase todos os entrevistados (98% dos 2.300 moradores ouvidos) consideram importante a existência de um jornal comunitário, opinião que animou a Redes da Maré a lançar este jornal.

A pesquisa ouviu moradores das 16 comunidades da Maré, que apontaram os principais motivos que os deixam insatisfeitos em relação ao modo como as favelas são retratadas pela mídia:

- só divulgam a violência;
- as notícias são negativas; não falam sobre as reais necessidades da Maré nem sobre as coisas boas;
- as notícias não correspondem aos verdadeiros fatos;
- há discriminação ou preconceito com quem mora na favela.

O jovem Anderson Felinto Santana da Silva, de 19 anos, solteiro, morador de Bento Ribeiro Dantas e um dos entrevistados, se incomoda com o que mostram e escrevem sobre a Maré. “Discriminam muito a comunidade. Temos coisas boas também, como cidadania, projetos e cursos, mas eles não falam dessas coisas”, observa. Além de notícias positivas sobre o bairro, Anderson se interessa pela história das comunidades, sobre como era o local anos atrás.

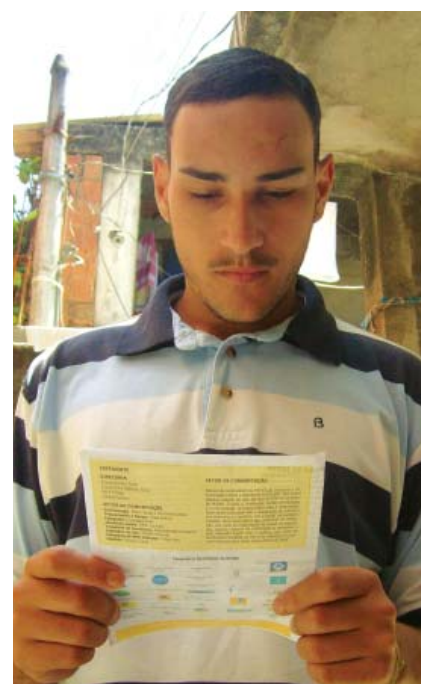
Roberta Lima, de 24 anos, moradora da Praia de Ramos, além das reportagens positivas, tem vontade de ler sobre os serviços públicos ofertados na comunidade. “Os jornais não procuram sa-

ber sobre as necessidades do povo da Maré. Temos problema de saneamento, ruas sem asfalto que, quando chove, ficam cheias de lama. Gostaria de ler informações sobre esses problemas”, revela.

Como foi feita a pesquisa

Para realizar a pesquisa “Por um jornal da Maré: diga como você quer”, a Redes da Maré ouviu 2.300 moradores, o que significa 2,5% da população do bairro. Foram entrevistadas pessoas dos sexos masculino e feminino de todas as comunidades e de todas as idades (a partir dos 15 anos), escolhidas conforme o perfil de habitantes identificado no Censo Maré 2000. Esse é o método usado em sondagens de opinião para que o resultado seja o mais fiel à realidade possível. Ou seja, busca-se uma amostragem que represente o conjunto dos habitantes da localidade.

Hélio Euclides



Anderson, leitor esclarecido

“Os jornais não procuram saber sobre as necessidades do povo da Maré. Gostaria de ler informações sobre problemas locais”

Roberta,
da Praia de Ramos

“(A mídia) discrimina muito a comunidade. Temos coisas boas também, como cidadania, projetos e cursos, mas eles não falam dessas coisas”

Anderson,
de Bento Ribeiro Dantas

Hélio Euclides



Pesquisadores consultam o mapa da Maré para ir a todas as comunidades

Viviane Couto



Lindinalva quer saber de tudo

Hélio Euclides



Moradora responde ao questionário

Em média, os participantes da pesquisa vivem na Maré há 20 anos. Entre os que possuem o hábito de se informar sobre os acontecimentos, 56% (ou seja, mais da metade) passam mais de uma hora por dia lendo ou assistindo os noticiários. E 36% leem jornal diariamente, sendo o Meia Hora, o Extra e O Dia os preferidos.

Os moradores desejam saber tanto o que acontece na Maré como também em outras favelas e espaços populares da cidade. Assim, neste novo jornal, eles gostariam de ler reportagens sobre o próprio bairro, a respeito da oferta de cursos, esporte, saúde, cultura, infraestrutura urbana, educação e projetos sociais. Estes foram os assuntos mais citados pelos entrevistados, enquanto o tema segurança pública/ polícia/ violência só aparece em 12º lugar na preferência do morador.

Conversando na rua com moradores, confirmamos as informações apresentadas pela pesquisa. A maioria quer mesmo tomar conhecimento sobre o que há de bom na Maré! Mariza Lopes da Silva, de 52 anos, moradora do Parque União há 50 anos, adoraria ler notícias sobre o desenvolvimento da Maré. “Precisamos falar coisas boas para as crianças”, diz ela, que age dessa maneira dentro de casa, sempre levando bons pensamentos e exemplos de vida para seu neto. “É muito importante para a formação dele”, acrescenta.

Já Lindinalva dos Santos, 27 anos, moradora da Nova Maré, geralmente procura saber o que está acontecendo quando há ‘guerras’ na comunidade, mas no novo jornal da Maré ela prefere ler

notícias sobre serviços, como cursos oferecidos. “Hoje em dia temos que saber de tudo, sobre a própria comunidade e sobre outros lugares, sobre violência e também sobre oferta de emprego”, diz ela, que mora há 14 anos na Maré.

Diego Amarante, de 24 anos e morador da Nova Holanda desde que nasceu, gosta de se informar sobre esportes, notícias policiais e ainda um pouco sobre o que acontece no mundo. “É bom ter um jornal para contar o que acontece por aqui, tipo os esportes na Vila Olímpica ou sobre o futuro da gente”, afirma ele, que costuma ler os jornais Meia Hora e O Dia de vez em quando.

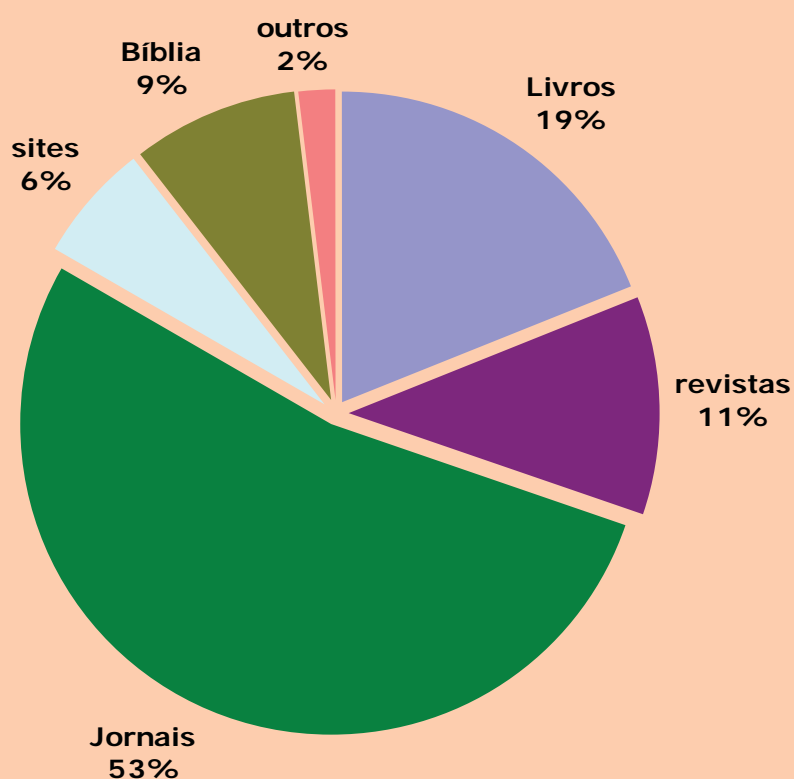
Informação que transforma

A pesquisa com os moradores foi realizada antes do lançamento do jornal porque, para a Redes da Maré, um veículo de comunicação do bairro deve ser construído segundo os anseios e necessidades de seus moradores. Dessa maneira, o jornal poderá se inserir em um projeto mais amplo de transformação e melhoria da qualidade de vida, sempre com o envolvimento da população local. A comunicação e a informação são ferramentas fundamentais nesse processo.

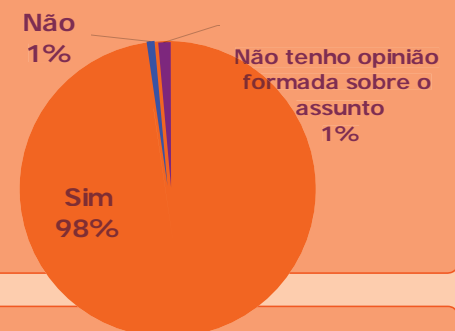


Nove entre cada dez moradores da Maré têm o hábito de ler

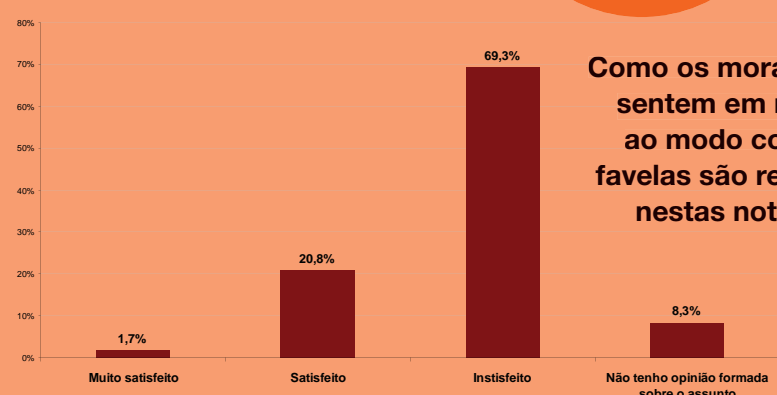
O que os moradores da Maré leem?



Você acha importante um jornal comunitário para a Maré?



Como os moradores se sentem em relação ao modo como as favelas são retratadas nestas notícias?



Fonte: Pesquisa “Por um jornal da Maré: diga como você quer!”, Redes da Maré, 2009.

Colunista

Anabela Paiva*



Uma nova onda na Maré

De vez em quando vou a encontros com moradores de favelas e bairros populares do Rio de Janeiro para falar sobre a mídia. As conversas nestas reuniões são sempre marcadas por uma grande insatisfação com a imprensa, a mesma que aparece na pesquisa de opinião publicada nestas páginas. “Os jornais só falam da favela quando é pra mostrar violência”, diz um. “Fizemos um evento cultural bacana e ninguém veio cobrir”, conta outro.

Nessas horas, tento explicar que as empresas de jornalismo precisam dar lucro, o que implica na escolha de um cardápio de notícias que interesse ao público comprador. Um jornal que é prioritariamente lido por leitores da classe média e alta, moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro, não dará espaço frequentemente para notícias da Baixada ou das favelas cariocas. Da mesma maneira, um veículo que pretenda atingir 100 ou 50 mil leitores pensará várias vezes antes de mandar uma equipe para cobrir um festival de música que reuniu 300 pessoas numa escola. Ah, mas e a festa daquela ricaça, que teve 50 convidados e saiu em todos os jornais? Bem, histórias da vida luxuosa de gente poderosa sempre foram pauta da imprensa, que assim satisfaz a curiosidade do leitor sobre a minoria endinheirada do país. “Não adianta, a notícia é o rico”, já me disse um jornalista paulista. “Mesmo os pobres querem assistir a notícias sobre os ricos”, resumiu um produtor de TV.

A exceção a esta regra, claro, é o tema da violência urbana. Favelas e bairros populares são assunto, principalmente, quando neles acontece um tiroteio ou chacina. É assim porque vivemos numa das cidades mais violentas do mundo, e existe mesmo uma alta incidência de homicídios em certas favelas e bairros de periferia. Mas chama atenção a falta de reportagens sobre outros temas (urbanismo, saúde, lazer) relacionados às áreas populares. Nem os jornais destinados ao povão abrem espaço para estes assuntos. Será que os moradores do Alemão, do Borel, do Cantagalo, não gostariam de ler sobre a inauguração de uma praça, a história de um atleta local ou aquela obra da Prefeitura que está parada há meses?

Claro que sim. Por isso, é uma ótima notícia que um bairro tão importante como a Maré, com seus mais de 130 mil habitantes, tenha, de fato, seu próprio jornal comunitário. Um jornal para refletir os anseios e preocupações de uma comunidade de leitores e estar a seu lado na defesa dos seus direitos políticos e sociais. Um jornal que lance um olhar construtivo, mas também crítico, sobre o lugar que retrata. Um jornal que não tenha donos, mas se pautar pelo interesse público. Um jornal que ajude os moradores a valorizar o lugar onde vivem. Um jornal que surja a partir de uma pesquisa de opinião e que terá o seu nome escolhido entre sugestões do público.

E, por fim, um jornal que poderá ser lido pelos que nunca foram à Maré, contribuindo para forjar uma imagem mais verdadeira da comunidade. E até, quem sabe, inspirando reportagens diferentes na imprensa.

* Anabela Paiva é jornalista do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)

Colunista

Flávia Oliveira*



Agir localmente

Foi nos anos 1990 que a expressão “pensar globalmente, agir localmente” ganhou músculos. A era da globalização, das telecomunicações sem fronteiras, da internet, trouxe o planeta, país a país, para dentro da sala, do carro, do escritório de cada família ou cidadão. Era tanta informação sobre o mundo que ficou difícil enxergar a própria casa, a própria rua, o próprio bairro.

O dilema resultou na frase, que virou mantra. Era preciso conhecer os problemas, os avanços do mundo. Na sequência, adaptá-los para transformar a realidade local. Pensar o planeta, os continentes, os países; mudar a nação, o estado, a cidade.

No Brasil, a chamada grande imprensa cumpriu bem a metade inicial do mantra. Hoje, apresenta ao Brasil, em tempo real, lotes de informações sobre o que vai por Cuba, pela China, pelos EUA, Europa, Israel, África do Sul, Argentina...

Cuidam pouco, quase nada, do Piauí, de Tocantins, do polígono da seca no Nordeste, do Amapá, do Norte fluminense, dos subúrbios cariocas, das 16 comunidades da Maré. Até hoje, os jornais chamam de complexo ou conjunto de favelas a área que, 15 anos atrás, foi formalmente transformada em bairro pela Prefeitura do Rio.

Passaram uma borracha na metade final do lema. Mas o cidadão, não. Persiste em cada um o desejo de transformar sua vizinhança. Para isso, é preciso enxergá-la, reconhecê-la, entendê-la.

Não foi à toa que na pesquisa que deu forma ao novo jornal da Maré, os moradores denunciaram a ausência e (pior) a abordagem equivocada, recheada de preconceito, da mídia de massa sobre seus bairros. Nem os jornais populares foram poupados.

Ser porta-voz desse público foi o presente que a mídia dominante deu de presente aos jornais comunitários. Eles serão a ferramenta que os habitantes, as famílias usarão para “agir localmente”.

Sem esquecer do que vai pelo mundo, pelo país, pelo resto da cidade, essa pequena grande imprensa terá o papel de mostrar aos leitores suas comunidades. Com um olhar de verdade. Numa abordagem sensível, que se afine com o sentimento de quem conhece e quer bem ao lugar onde mora – no caso da pesquisa da Maré, há duas décadas, em média.

O poder transformador da comunicação da mídia é imenso. Em escala mundial, os veículos derrubam presidentes, ditadores e regimes. Em escala nacional, listam prioridades, ditam a agenda política. Localmente, podem fazer diferença para melhorar o que as famílias e os vizinhos chamam (ou querem chamar) de lar.

Assim devem ser os jornais comunitários. Que assim seja o novo jornal da Maré. Nossos leitores merecem.

Flávia Oliveira, carioca de Irajá, é jornalista.

**Quer divulgar a sua opinião?
Escreva para a Redação do novo jornal da Maré!**

Rua Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda / Maré

2016: A OLÍMPIADA BRASILEIRA

Atletas esperam que o esporte seja levado a sério

Hélio Euclides

Em 1996, quando o Rio de Janeiro vinha como candidato aos Jogos Olímpicos de 2004, Herbert de Sousa, o Betinho, propôs uma Agenda Social com cinco metas: esporte e cidadania jogando no mesmo time; educação de qualidade para todas as crianças e jovens; todas as crianças bem alimentadas; favelas urbanizadas, integradas à cidade; ninguém morando na rua. Uma pena que esses arcos de cada cor olímpica nunca tenham saído do papel.

Para o coordenador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), Itamar Silva, espera-

va-se um retorno social depois dos Jogos Pan-Americanos de 2007, que não veio. "O discurso era que haveria um grande investimento na cidade, com construção de um legado social. O que vimos foi investimentos grandes na área da Barra da Tijuca, ganhos para o mercado imobiliário e pouca atenção voltada para a maioria da população", explica. Itamar viu erros na candidatura do Rio e espera mais consciência no futuro. "Na visão dos organizadores da olimpíada a favela é superficial, um exemplo claro dessa dinâmica foi o vídeo de candidatura, que fez uma maquiagem do Rio. Hoje o desafio é atualizar a Agenda Social de 2004 (criada para o Pan

e composta de 43 metas), que tem que ter a incorporação das favelas", informa Itamar.

Já para o fundador do Observatório de Favelas e secretário municipal de Educação de Nova Iguaçu, Jailson de Souza e Silva, de 49 anos, a base para 2016 é pensar em todos os espaços populares, para que se verifique uma melhoria na qualidade de vida, e, num outro âmbito, o encontro de diferentes grupos, para construir uma cidade mais unida e fraterna. "O mérito do Pan foi a construção de um legado social que foi desenvolvido, uma pena que não foi seguido. Retomar essa questão é necessário, contudo é preciso a união de toda a

sociedade", enfatiza.

Evandro Vieira Ouriques, professor e coordenador do NETCCON. ECO.UFRJ, acha também que todos devem se preocupar com as ações que serão implementadas por causa da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016. "O nosso inimigo somos nós mesmos, pois não fazemos nada para mudar."

Na visão dos esportistas existe muita dificuldade e descaso, mas também esperança de melhora após 2016. E por isso ouvimos dois jovens atletas da Maré sobre a olimpíada do Rio. Eles mostram um olhar positivo de um futuro que tenha apoio e patrocínio.

Vinicius Pereira de Souza

Idade: 14 anos, com cinco de competições
Atividade Esportiva: Nataçãõ
Comunidade: Salsa e Merengue
Escola: Municipal Josué de Castro



"É uma chance de mostrar o talento que temos. Que eu consiga entrar (nas olimpíadas) e competir, representando todos"

Vinicius,
nadador



Como começou no esporte?

Priscila: Comecei com nove anos. Escondido, falava que fazia dança, mas fui descoberta quando apareci com o olho roxo. Contudo, hoje tanto minha mãe, quanto meu pai, me apoiam muito.

Vinicius: Iniciei no futebol da Vila Olímpica e depois fui para nataçãõ só por entrar. Me destaquei e o professor me colocou na equipe.

Quantos campeonatos já ganhou? E qual está participando?

P: Nem sei o número de medalhas que ganhei, já passou das 60. Mas recentemente fui vice-campeã mundial em 2008 e vice-sul-americana por equipe em 2009. Já competi na Argentina, Colômbia, Chile e Itália. Estou viajando para João Pessoa, para o Campeonato Brasileiro para Inter-Estilo.

V: Já participei de mais de 20 torneios, entre eles os das Inter-Vilas Olímpicas e Morisco. Sou campeão dos 50 metros costas e quarto lugar na Travessia dos Fortes, de 3.800 metros. Agora estou treinando muito para o Torneio no Piscinão de Ramos, com 1.210 metros de corrida, 500 metros de nataçãõ e mais 1.210 metros de corrida.

Qual a sua expectativa para Rio 2016?

P: Muito grande. Espero mais empregos, na área de turismo, construção civil, vai ser uma "solução". Eu sei que os atletas estão dando o máximo de si, para ser a maior olimpíada. O Brasil tem grande qualidade, e vai mostrar a sua capacidade. Vai ser uma experiência que não vai sair da memória.

V: É uma chance de mostrar o talento que temos. Que eu consiga entrar e competi, representando todos.

Você já está treinando para participar da Olimpíada?

P: O caratê não é um esporte olímpico. Existem muitas federações, só no Brasil são mais de 20, que brigam. Desejo uma união, que já possibilitou nossa participação no Pan do Rio, e vamos no de 2011 no México.

V: Estou treinando bastante. E agora faço parte da Federação Aquática do Rio de Janeiro.

No Pan há investigações de obras superfaturadas. E as Olimpíadas?

Priscila Xavier da Silva

Idade: 15 anos, sendo seis de carreira
Atividade Esportiva: Caratê, faixa marrom
Comunidade: Vila do João

Escola: Bolsista de 100% no ensino médio do colégio Santa Mônica

P: Espero que tenham aprendido com o Pan, e que saibam distribuir, não havendo fraudes, pois quem sofre são os menos favorecidos.

V: Acredito que vai ser mais fiscalizado os investimentos.

E o investimento nos atletas da Maré, hoje e depois de 2016?

P: Acho que vai ser mais fácil ter patrocínio. Pode melhorar as estruturas. Hoje ainda tem atleta que treina com fome.

V: Aguardo, já que minha irmã Vitória, de 10 anos, já é campeã estadual de ginástica, e de competições em Santa Catarina e Minas Gerais. Mas não tem patrocínio, meus pais que pagam as viagens e até os 89 reais do maio.

Qual é a sua situação: tem lugar para treinar? E patrocínio?

P: Eu trabalho, dou aula de caratê, no Projeto Escola do Amanhã, na Escola Municipal Teotônio Vilella, onde já estudei. Já que o caratê não dar dinheiro. Meu contrato com a Samsung terminou, mas sou grata por tudo que fizeram. Hoje estou sem patrocínio, treino em Caxias, e pago para isso.

V: Treino na Vila Olímpica da Maré, e ela tem patrocínio da Petrobras, mas especificamente a nataçãõ não tem.

Depois do Pan está mais fácil surgir novos talentos?

P: Esta mais fácil, pois os novos talentos querem se espelhar nos atletas. Com o fato das olimpíadas vim para cá, já vai pintar os interesses das crianças, quem sabe um campeão olímpico daqui.

V: Com as olimpíadas vão aparecer mais talentos.

E o seu plano para o futuro?

P: Sou apaixonada pelo caratê, e vou ficar até Deus permitir. Mas a minha outra paixão é o jornalismo. Ano que vem vou diminuir as viagens para fazer o pré-vestibular, e assim fazer a faculdade.

V: Terminar a oitava série. E depois do Ensino Médio fazer a faculdade de educação física. Porque o atleta sem estudo não é nada. O atleta e a educação se completam, andam juntos.



"Acho que, com as olimpíadas, vai ser mais fácil ter patrocínio. Pode melhorar as estruturas. Hoje ainda tem atleta que treina com fome"

Priscila,
lutadora de caratê





Filme

Cineclube Sem Tela

Todas as sextas-feiras, o Cineclube Sem Tela exhibe filmes nacionais de graça na Maré. Com programação semanal e sempre às 19h, o cinema acontece na rua, em frente à Redes da Maré, na rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda. A sessão semanal do Sem Tela é uma parceria do Observatório de Favelas e a Redes da Maré.

Pequena Miss Sunshine

A história da família cheia de esquisitices levou o Oscar de melhor roteiro em 2007 e, apesar de ser uma produção de orçamento minúsculo, cativou o público ao abordar temas pesados (adolescência problemática, fracasso profissional, homofobia, suicídio, desilusão amorosa e drogas) com bom humor.

Uma família problemática atravessa o país em uma kombi amarela com defeito, para levar a caçula até a Califórnia, onde será disputado um concurso de beleza para crianças. No caminho, os dramas dos personagens vão sendo expostos e a viagem se torna uma verdadeira "lavagem de roupa suja".



Poesia Haicai natalino Caio

Que ateu mais cara-de-pau:
ganhando um trocadinho
vendendo ceia de natal

Blog

Sindicato dos Escritores Baratos

<http://sindicato.opensadorselvagem.org/>

Ser escritor não é fácil. Para se firmar no mercado é preciso algo mais do que escrever bem. O grupo que forma o Sindicato dos Escritores Baratos resolveu esse

problema de uma maneira aparentemente simples: criou um blog. A página, criada em 2005, é coletiva e conta com 12 autores. Lá é possível encontrar contos, crônicas, poesia e outros devaneios. O blog faz parte da comunidade "O pensador selvagem". Vale uma visita para conhecer os textos e outros blogs da comunidade.



Receita da edição

Baião de dois da Galega

Era 1987 quando ela saiu de Serra Branca, na Paraíba, e chegou na Maré. Quatro anos depois da chegada ao Rio ficou grávida e decidiu que abriria seu próprio negócio, para não ficar longe do filho. João, hoje com 18 anos, trabalha desde cedo com a mãe. E pegou o gosto pela culinária. Atualmente pretende fazer um curso de gastronomia francesa. "Essas comidas bonitas", comenta a mãe.

A mãe de quem estamos falando é Galega, que teve como primeiro empreendimento pessoal um bar, que não durou muito. "Eu não gosto de vender cachaça", sentencia. Por conta disso, o bar logo virou um dos mais conhecidos restaurantes da Nova Holanda, localizado na Rua Principal.

Lá, comida nordestina tem preferência, mas o estrogonofe e a panqueca também fazem sucesso. Aliás, o cardápio é bem variado, o que causou até indecisão na hora de escolher a receita que viria para o jornal. João foi quem decidiu: baião de dois que, segundo ele, é uma das melhores receitas de sua mãe.



Rosilene Miliotti

Ingredientes

Feijão de corda

Queijo de coalho cortado em cubos pequenos

Manteiga de garrafa

Arroz branco

Carne seca cortada em pedaços pequenos

Coentro

Preparo

Cozinhe o feijão apenas com água e sal. Em seguida prepare o arroz branco e frite a carne seca na manteiga de garrafa. Ainda com o feijão e o arroz quente, misture os dois com os cubos de queijo coalho. Depois acrescente a carne seca. E finalmente, tempere com coentro.

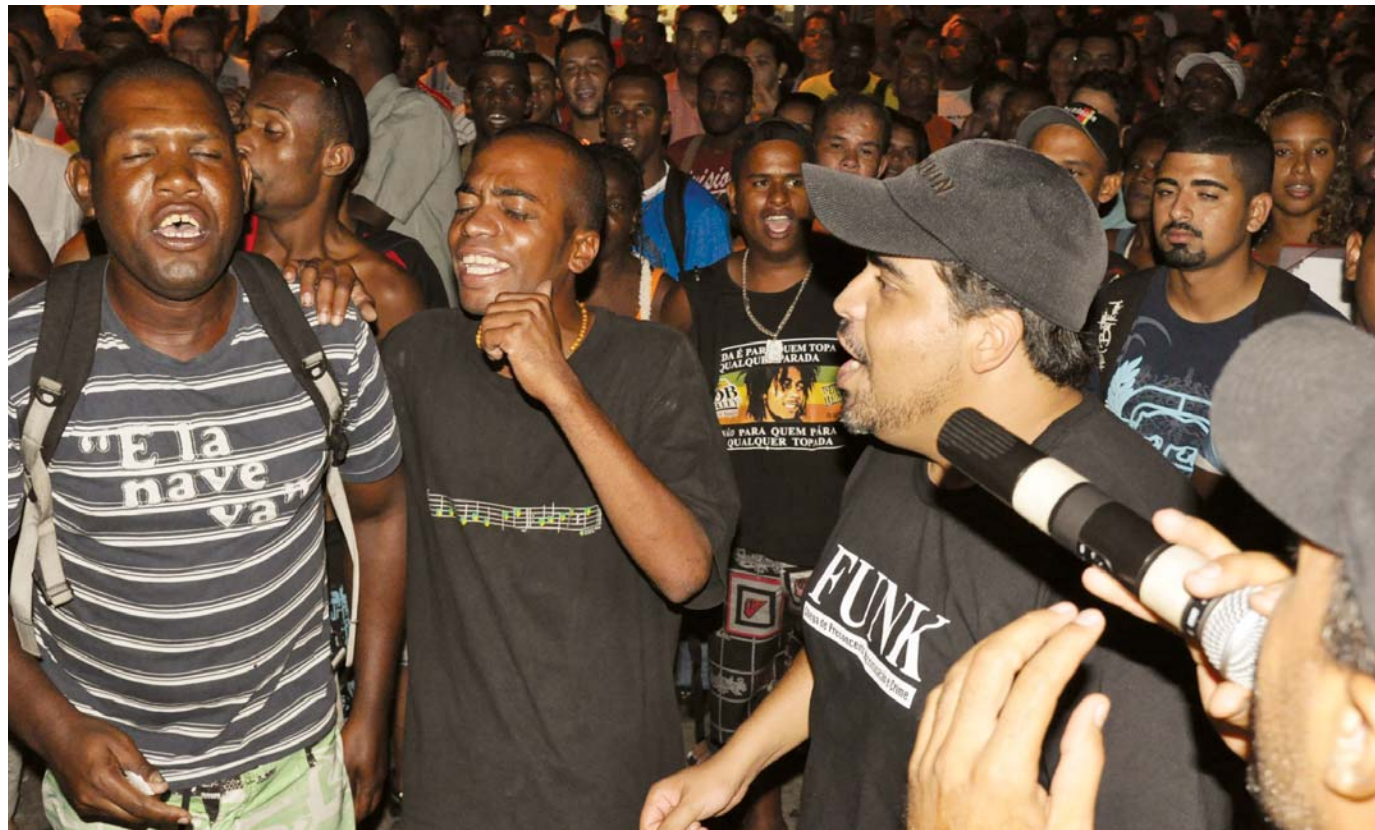


Rosilene Miliotti

FUNK: O SOM DA FAVELA

O ritmo agora é uma cultura popular do tipo exportação, embora ainda muito criminalizado

Elisângela Leite



MC Leonardo (à dir.) na roda de funk no centro do Rio



A Associação dos Profissionais e Amigos do Funk (APA Funk) foi criada em 2000 por Leonardo Mota, o MC Leonardo, ao perceber que a linguagem do funk estava mudando. “A APA Funk visa a abertura de espaço e a pluralidade linguística. Quem quer falar de amor ou a chamada ‘putaria’, tem que ter espaço desde que respeitem o limite. O bom senso é uma coisa que não faz mal a ninguém”, argumenta.

Rosilene Miliotti

Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, realizada em 2008, revelou que o funk movimentava cerca de R\$ 11 milhões por mês ou R\$ 127 milhões por ano. O número de pagantes dos bailes chega a 1,230 milhão a cada mês, quase o equivalente a 14,5 Maracanãs lotados. Entretanto, para muitas pessoas, o funk é um ritmo que tem cor, “é som de preto”, e tem território, a favela, é “som de favelado”, como diz a música Som de Preto, dos MCs Amilcka e Chocolate. O funk é discriminado por ser uma das expressões culturais dessa parcela da população (negra e pobre), historicamente marginalizada. É ainda criticado por suas expressões consideradas obscenas e vulgares, que mostram a mulher como objeto de prazer. A maior crítica ao estilo está ainda na sua associação com o tráfico. No entanto, o movimento é apreciado por uma diversidade de grupos e classes sociais, e não nasceu nas favelas cariocas.

“O funk no Rio é tratado como questão de segurança pública, e não como cultura. O cara de boné, bermuda e chinelo sempre vai ser a imagem do traficante. Nunca vão produzir a imagem do bandido de terno; sempre vai ser o moleque da favela”, afirma o MC Leonardo, presidente da Associação de Profissionais e Amigos do Funk (APA Funk).

Juliana Nunes Matielli, 24 anos, moradora do Parque União, não frequenta baile funk, mas ressalta que não se sente nem um pouco ofendida, por exemplo, com letras que chamam mulheres de cachorra, pois acredita que a pessoa só deve se incomodar caso se veja do jeito que a música relata. “Todo tipo de música deve ser valorizado, afinal trata-se de arte. Preconceito existe em todos os ritmos. Roqueiros não gostam de pagode e quem ouve música pop em geral não se interessa muito por forró”, opina.

Já para o estudante Pedro Diego, 21 anos, morador da Nova Holanda, baile funk é diversão, e violência existe em qualquer lugar, não só nos bailes. “Frequento bailes desde os 18 anos e nunca me envolvi em nenhum tipo de briga. Dá para se divertir sem violência, mas tem gente que sai de casa para arrumar.”

Música de conscientização

O roqueiro e vocalista da banda Detonautas, Tico Santa Cruz, diz que o funk é um ritmo legítimo da expressão cultural contemporânea. Embora não seja um entusiasta do estilo, ele defende o direito de livre expressão e compactua com os que acreditam que o funk carioca pode ser uma arma de conscientização das comunidades.

MC Leonardo denuncia que a maior parte das pessoas que trabalham com o funk não tem seus direitos respeitados e que o Estado reforça o problema quando proíbe a realização de bailes nos clubes. Outra crítica refere-se ao uso da língua portuguesa. “Usamos a linguagem popular, falamos do jeito que o povo entende. Não posso chegar na favela e falar igual a quando eu vou falar com um deputado. Quem está errado? Tenho a quinta série do ensino fundamental, o que é a média de escolaridade dos MCs, aliás é também a do presidente Lula”, diz o MC, que não é contra os estudos.

Segundo Leonardo, a arte requer liberdade de criação, portanto não é possível que outros digam de que jeito deve ser a música. “Se Chico Buarque cantasse funk desse jeito, talvez fosse aceitável”, observa.

“Se Chico Buarque cantasse funk desse jeito, talvez fosse aceitável”

MC Leonardo

Funk legal

Depois de muita luta, em 23 de setembro foi sancionada a lei que define o funk como movimento cultural. Além disso, foram revogadas as normas para a realização de eventos como raves e bailes funk em comunidades do Rio de Janeiro.

Dos EUA às favelas do Rio

O funk nasceu na década de 1960, nos Estados Unidos, mas foi com o polêmico cantor, compositor e produtor norte-americano James Brown que o estilo ganhou o mundo, com a levada rítmica contagiante do swing.

Conta a história que o funk carioca tem origem na junção de tradições das músicas negras brasileira e norte-americana. Não se trata, portanto, da importação de um ritmo estrangeiro, mas de uma releitura de um gênero ligado à cultura africana que se tornou um fenômeno popular. Foi trazido para o país por cantores como Tim Maia e Tony Tornado, que adotaram a atitude e o estilo norte-americanos do Black Power (Poder Negro), aliado à musicalidade do samba, do rock e do jazz, fundando o movimento Black Rio. Já nos anos 1980, os bailes funks no Rio começaram a ser influenciados pelo ritmo Miami Bass, que trazia músicas mais erotizadas e batidas mais rápidas. Em 1990, o funk começa a criar sua identidade.

Colônia de Pescadores do Parque União

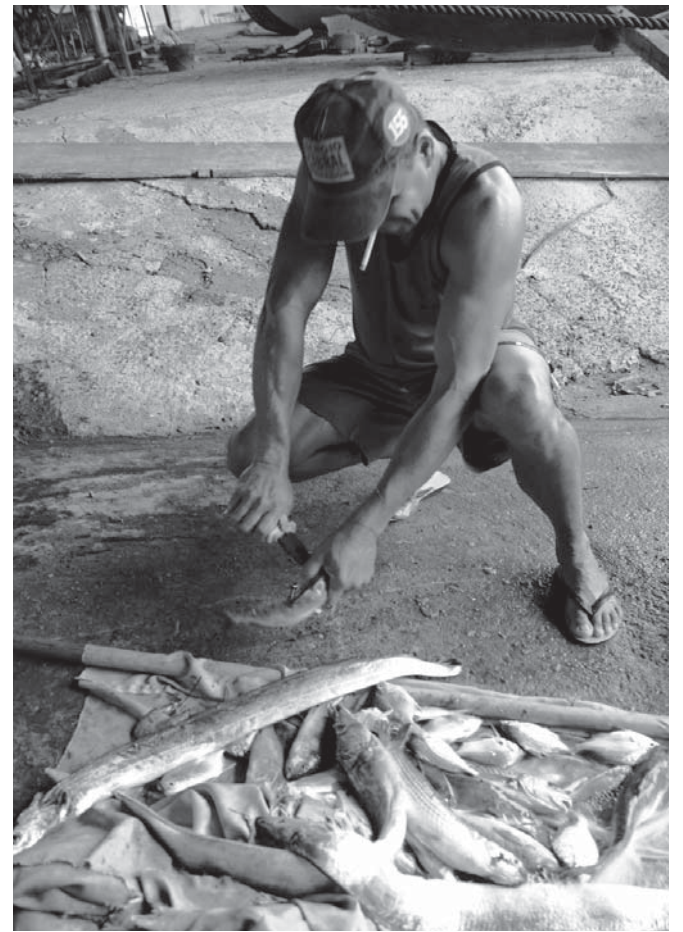
Texto e fotos: Elisângela Leite*

Desde a formação da Maré, os moradores mantêm uma relação de troca com a Baía de Guanabara. Troca essa que foi se perdendo, ao longo do tempo, devido à grande poluição de suas águas. Mesmo com todas as dificuldades, ainda existe um grupo de moradores que mantém viva a troca com a Baía. Eles são os pescadores da colônia do Parque União.

Fotografar os últimos remanescentes da atividade pesqueira é um grande desafio que se faz necessário, a fim de registrar parte desta história de resistência. Pretendo mostrar como eles fazem para manter viva a tradição ameaçada por falta de infraestrutura e apoio da própria comunidade e dos governantes que prometem, mas nunca cumprem.

Convivendo com eles por alguns meses descobri que quase não existe mais pescador que viva só da pesca. Apenas cinco ainda viveriam inteiramente da pesca, mas não cheguei a conhecê-los. A maioria trabalha fora e nos fins de semana faz passeios turísticos. Muitas pessoas alugam barcos para pescar ou passear e conhecer a Ilha Seca que, apesar da poluição, tem águas claras que permitem ver os peixinhos. Porém, com a maré, vem o lixo que as pessoas jogam na Baía e ali vai se acumulando nas areias das praias. Mesmo assim ainda resiste uma beleza teimosa.

Na busca por mostrar o cotidiano dos pescadores da colônia percebi que eles são unidos, amigos, afetuosos. Com minha fotografia espero contribuir para que a cultura da pescaria artesanal não se acabe. Espero mostrar o meu olhar somado aos olhares dos pescadores. Seus rostos, um pouco de suas vidas marcadas de sonhos e desilusões. Suas embarcações, redes, realidades – realidades essas que mostram que, apesar de a Baía estar poluída, eles são muitos.



* Elisângela Leite, 35 anos, é nascida na Paraíba, criada em Pernambuco e moradora da Maré desde 1999. Em 2007, cursou a Escola de Fotógrafos Populares, no Observatório de Favelas, quando desenvolveu o projeto sobre a Colônia de Pescadores do Parque União. Atualmente trabalha na Redes da Maré como fotógrafa e estuda pedagogia na Uerj. Já expôs no Rio de Janeiro e em Amsterdam, na Holanda.



Não fique aí parado! Participe desta página!

Envie suas fotos, desenhos, grafite, poesia, crônica...

A seção ESPAÇO ABERTO foi criada para que você, leitor do novo jornal da Maré, possa mostrar a todos a sua arte: uma fotografia, uma ilustração, uma poesia, uma crônica! O importante é participar! Envie a sua arte para a Redação do Jornal, na Redes da Maré - rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda; ou pelo e-mail: jornal@redesdamare.org.br